

O Açude romano da *Ammaia*, Aramenha – Marvão

Jorge de OLIVEIRA¹²⁵

Resumo

Neste trabalho noticia-se o reconhecimento, no decurso duma ação de recuperação, dum açude de origem romana, continuamente refeito e reutilizado, situado no Rio Sever, junto à cidade de *Ammaia*, no concelho de Marvão.

Palavras-Chave: Açude, Romano, *Ammaia*, Marvão.

Abstract

This work reports the recognition, in the course of a recovery action, of a dam of Roman origin, continuously rebuilt and reused, located on the Sever River, next to the city of *Ammaia*, in the municipality of Marvão.

Keywords: Dam, Roman, *Ammaia*, Marvão.

1. Introdução

Porque em tempo oportuno não encontrámos condições para divulgar os trabalhos desenvolvidos no Verão de 1991 no açude que se situa muito próximo dos limites murais da Cidade de *Ammaia*, fazemo-lo agora, passados 30 anos e enquanto a memória ainda nos permite.

O Açude do Salvador ou da *Ammaia*, como agora o denominamos, situa-se na Freguesia de S. Salvador de Aramenha, concelho de Marvão. Este açude implanta-se transversalmente ao leito do rio Sever, a 300 metros para SE da sede da Freguesia de S. Salvador da Aramenha, a 200 metros para norte da entrada do Museu da *Ammaia* e possui as seguintes coordenadas: 39°22'21"N / 7°23'10"W.

¹²⁵ Docente Universidade de Évora/ Departamento de História. Investigador CHAIA/UE. joli@uevora.pt

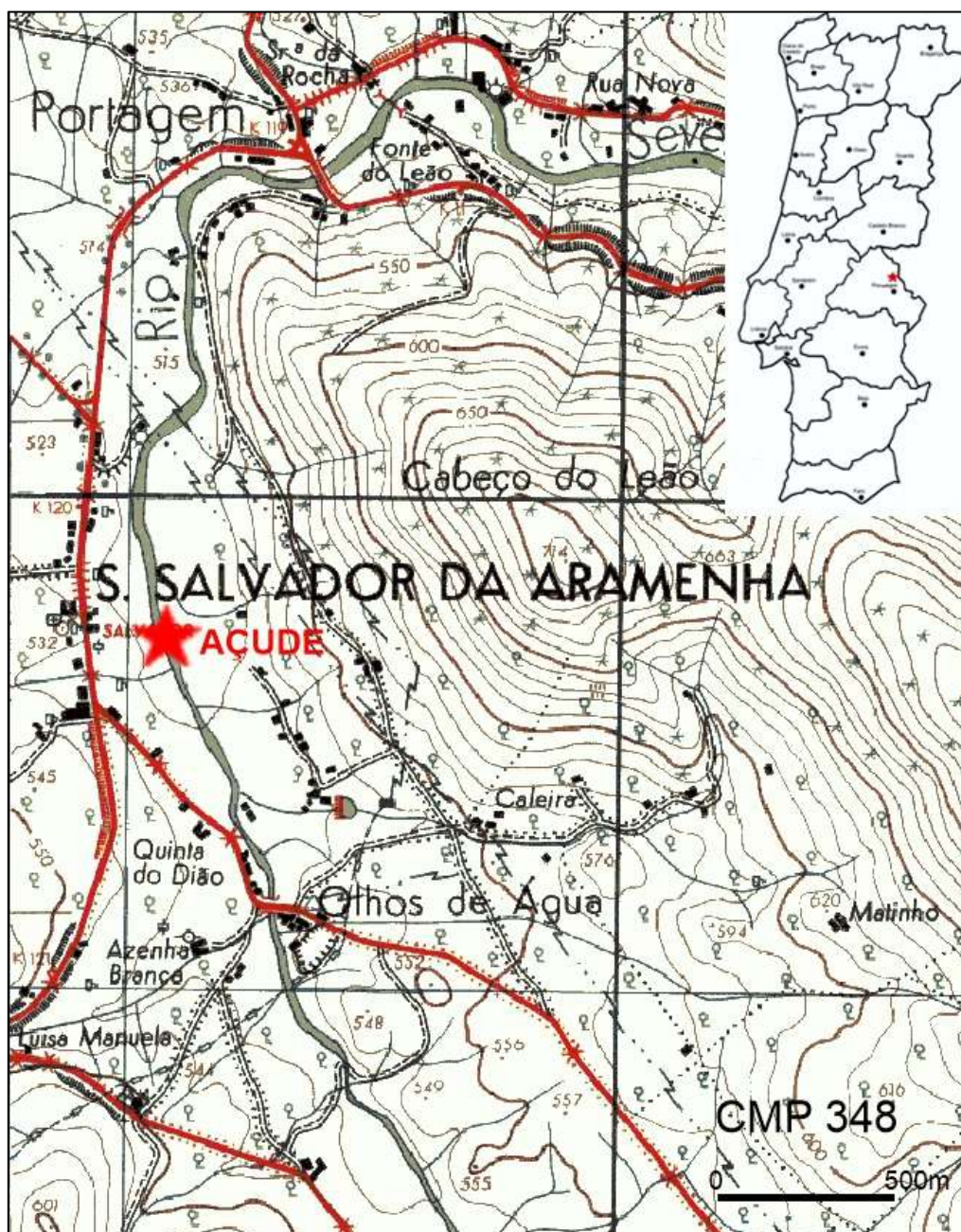


Figura 1. Localização do Açude da Ammaia

Quando o Parque Natural da Serra de S. Mamede não se limitava a ser uma “entidade policial” e tinha preocupações sociais e culturais e ao tempo dirigido pelo Dr. Rui Correia alguns utentes das levadas do Açude da Ammaia, face ao estado de ruína em que este se encontrava decorrente duma ação de desassoreamento mal conduzida pelos Serviços Hidráulicos, em meados da década de oitenta, solicitaram ao PNSSM que tentasse ajudá-los na reabilitação desta milenar estrutura hidráulica, porque já pouca água conseguia reter e as levadas nenhuma utilidade tinham. Perante a solicitação dos utentes a Direção do PNSSM contratou um empreiteiro e pediu-nos

que procedêssemos ao acompanhamento arqueológico da obra, mas de forma graciosa. Mais uma vez acedemos à solicitação do PNSSM de bom grado.

Visitámos atentamente a estrutura existente e verificámos que a sua destruição era praticamente total. Alguns silhares assumidamente romanos espalhavam-se nas margens do rio e outros encontravam-se imersos em lama assim com algumas lajes muito regulares também de granito. Duas mós de grande dimensão coexistiam com este caos estrutural. Várias sacas cheias de areia e uma manta de plástico tinham sido recentemente colocadas no local onde deveria existir o coroamento superior do muro de retenção de água. Junto aos encontros observava-se bem, na margem esquerda, a eclusa e os seus encaixes e o início da levada em granito. Na margem direita a eclusa era, à época, constituída por sacas de areia e a levada resumia-se uma estreita vala rasgada na terra. A comporta da eclusa da margem esquerda nada mais era do que uma desconjuntada portada de ripas de madeira pregada em duas guias. No local do provável descarregador de fundo encontrava-se colocada na vertical outra grande mó circular. Na zona do descarregador de cheia, junto à margem direita, amontoava-se um enorme depósito de areia e cascalho. A montante o assoreamento chegava praticamente ao coroamento, agora alteado pelas sacas com areia aí colocadas. Informaram-nos os utentes desta estrutura hidráulica que na década de 40 do século XX o açude tinha sido desassoreado e reparado e que se manteve em pleno funcionamento até ao último e desastroso desassoreamento da década de 80. No decurso dos últimos trabalhos de desassoreamento foi utilizada uma giratória de grande tonelagem que enquanto retirava depósitos a montante, as suas lagartas destruíram o capeamento a jusante e até arrancou parte do coroamento e do barramento. As manobras da máquina pesada abateram o descarregador de cheia e a parte do contraforte que foi mais afetada preencheram-na com betão.

Considerámos, assim, pelo que era observável que se trataria duma estrutura hidráulica, claramente antiga, mas continuamente reparada em época moderna e contemporânea com inclusão de várias peças graníticas, nitidamente romanas, como é habitual em praticamente todas as construções de épocas pós medieval existentes nas redondezas da cidade de *Ammaia*, que durante séculos serviu de fonte de material de construção para os mais diferentes fins, sobretudo para estruturas militares, palácios, igrejas e conventos de Portalegre, Castelo de Vide e Marvão e como tal denominada por “Pedreira dos Bispos”.

2. Os trabalhos arqueológicos

Para a realização do acompanhamento, que nos foi solicitado pela Direção do Parque Natural da Serra de S. Mamede contactámos a entidade da tutela, o IPPAR de Évora, onde nos informaram que tratando-se da recuperação de uma estrutura em funcionamento não se justificaria formalizar qualquer pedido de autorização para trabalhos arqueológicos e que nos deveríamos limitar a recolher e a registar qualquer evidência arqueológica aí reutilizada. Assim fizemos.

O responsável pela empresa de construção reuniu comigo e avaliámos o que poderia e deveria ser realizado tendo em vista a preservação da imagem que o açude teria quando acabado de construir e qual a melhor forma do poder voltar a realizar a trefa para qual tinha sido projetado, isto é, abastecer de água as levadas, fosse ela para movimentar moinhos ou para rega das várzeas a jusante.

Iniciaram-se os trabalhos pela recolha das peças graníticas romanas que tinham sido arrastadas pelas águas após os últimos trabalhos de desassoreamento e pela remoção das sacas de areia e dos detritos que se acumulavam sobre o que ainda restava de contraforte a jusante. Logo nessa altura apercebemo-nos que a fundação não era de terra compactada, mas sim construída num maciço cimentício muito resistente. Porque a lama ainda era muita e nalguns locais coexistiam blocos de betão que serviu para “remendar” o que a giratória tinha destruído na década de 80, pensámos, nesse momento, que este maciço seria recente e que assentaria nalguma fundação mais simples. Só quando se retiraram todas as peças graníticas que revestiam o contraforte e se procedeu ao desassoreamento a montante e se teve que desmontar, até à base, a zona do descarregador de fundo, devido à sua instabilidade estrutural é que nos apercebemos, claramente, que o muro vertical do açude e parte da base da contrafortagem tinham sido originalmente obtidos em *opus incertum* de blocos de granito de calibre variado. Reconhecia-se assim que se tratava originalmente duma estrutura romana obtida em *opus incertum* coroada por blocos de granito devidamente aparelhados. Na face virada a montante o maciço de *opus* era reforçado por blocos informes de pedra granítica que assentavam numa linha irregular de silhares com cerca de 40 centímetros de altura que se apoiavam diretamente na rocha de base. Para jusante o muro de *opus incertum* descia na vertical até cerca de 50 centímetros da base onde, até à rocha, se distendia de forma irregular, claramente para obter a maior estabilidade possível. Este muro de *opus* apresenta uma altura desde o coroamento

granítico até à base de 150 centímetros e 140 centímetros de espessura média. O muro distende-se de margem a margem, não nos tendo sido possível mensurá-lo na totalidade porque na margem direita, onde se localiza o descarregador de cheia, foi refeito várias vezes e as camadas de betão existentes escondem o interior. Ao meio abre-se o descarregador de fundo que rasga o muro até ao nível da linha de silhares que assentam sobre a rocha. Calculamos, contudo, que a sua extensão original rondaria os 20 metros, correspondendo, assim, à largura do leito do rio neste local e na época em que foi originalmente construído.

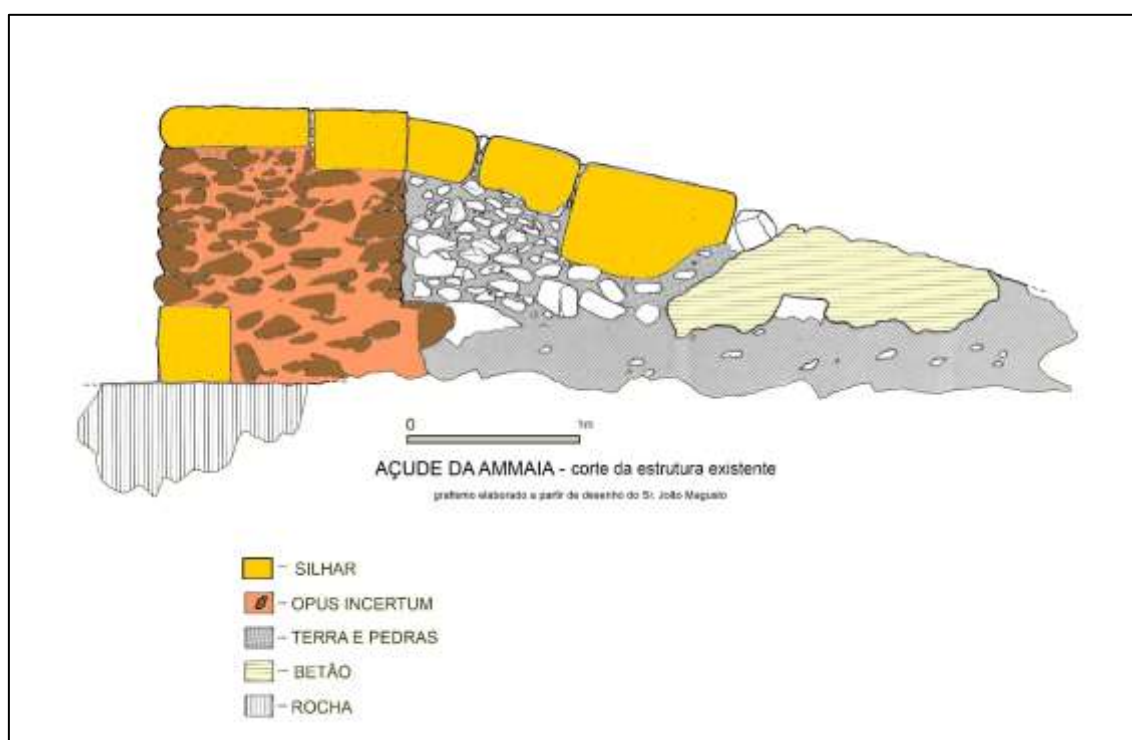


Figura 2. Corte do Açude da *Ammaia*

Aparentemente o contraforte que se desenvolve a jusante, ainda que revestido maioritariamente por blocos granitos aparelhados muito regulares, nitidamente romanos, parece ter sido construído em fase ulterior ao muro vertical. No contraforte, sob os silhares de revestimento, que maioritariamente estavam unidas por argamassas de diferentes épocas, encontrámos um compacto de terra e pedra de diferentes calibres que desciam suavemente, alongando-se por cerca de 6 metros de extensão. O estado de destruição deste contraforte não nos permitiu compreender em toda a área a sua configuração. Nele abria-se, em forma de rabo de andorinha, o descarregador de fundo e também, em cota superior o descarregador de cheia. Este contraforte ainda que muito destruído incorporava para além de lajes de revestimento, outras peças arquitetónicas, como dois toros de coluna e um capitel romanos, em granito. Aí também se encontrava

mais uma mó de grande dimensão. Junto ao encontro da margem esquerda abre-se uma eclusa em granito com os encaixes para a comporta, tal como ocorre no descarregador de fundo. Desta eclusa distende-se por mais de 400 metros para jusante uma levada que conduz a água a um moinho, daí partindo para outro que mais para norte se encontra. Ao longo da levada identificámos pelo menos três comportas destinadas a retirar água para rega das várzeas que ladeiam o Rio Sever. Ao longo do curso das levadas a sua técnica construtiva varia bastante, provavelmente decorrente das fases construtivas e reconstrutivas das mesmas. A levada que se desenvolve junto ao encontro da margem direita do Rio Sever porque muito afetada pelas reconstruções recentes não nos permitiu perceber como seria originalmente.

Concluída a desmontagem da obra fragilizada toda a estrutura pré-existente foi reforçada ou revestida a betão e paramentada pelas cantarias recuperadas. A cota de coroamento do muro e dos descarregadores mantiveram-se inalteráveis, tal como o posicionamento das eclusas e a dimensão do contraforte.

Trata-se, assim, de um açude de origem romana, que assenta diretamente na rocha, constituído por um muro vertical em *opus incertum* e coroado por cantarias aparelhadas e muito regulares. O contraforte aparenta ser obra posterior de reforço, mas todo o seu capeamento foi realizado com iguais silhares romanos. Os descarregadores e pelo menos a eclusa da margem esquerda aparentam igualmente ser romanos. Destinar-se-ia este açude a abastecer de água moinhos e também para rega das ricas várzeas situadas às portas da cidade de Ammaia. A aprazível piscina fluvial que o açude proporciona seguramente que foi fruído pelos habitantes da velha urbe que situa a escassas centenas de metros.

Com os fustes de coluna e mós que se encontraram no açude construíram-se mesas e bancos na margem esquerda do rio, junto ao açude, criando-se aí um aprazível espaço de lazer, para fruição dos locais e visitantes. Infelizmente, pouco tempo após a conclusão a obra de recuperação do açude o proprietário do terreno por onde se acedia pela margem esquerda fechou o caminho que lhe dá acesso inviabilizando a visita a um dos locais mais aprazíveis do Rio Sever. Esperemos que outros tempos venham e que o património histórico e natural possa por todos ser fruído, especialmente aquele que foi construído ou recuperado com dinheiros públicos.

REGISTO FOTOGRÁFICO:

Do aspeto inicial do Açude, aos trabalhos de recuperação realizados





















Bibliografia

- ALARCÃO, Jorge de (1988) – *O Domínio Romano em Portugal*. Mem-Martins: Publicações Europa-América.
- ARRAIS, Frei Amador (1589-1974) – *Diálogos de Frei Amador Arrais*. Introdução e Revisão de M. Lopes de Almeida. Porto: Lello e Irmão – editores (1974), (Cap. X, 114-3 / 115-1), p. 241-242,
- BORGES, Sofia (2002) – A cidade romana de *Ammaia*: as Termas do Forum (notícia preliminar). *Ibn Maruán*. 12. Câmara Municipal de Marvão, p. 85-97.
- CARNEIRO, André (2002) – O fim do império e a cristianização no território da civitas ammaiensis: mudança e continuidade no concelho de Fronteira. *Ibn Maruán*. 12. Câmara Municipal de Marvão, p. 135-157.
- COELHO, Possidónio M. Laranjo (1924/2001) – Terras de Odiana - Subsídios para a sua História Documentada. Edição fac-simile da edição de 1924. Introdução de António Ventura. *Ibn Maruán* (edição especial). 11. Câmara Municipal de Marvão.
- ENCARNAÇÃO, José d' (1984) – *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*. Coimbra.
- FERNANDES, Isabel Cristina; OLIVEIRA, Jorge de (1995) – Os mosaicos romanos do Garriancho (Beirã-Marvão). *Ibn Maruán*. 5. Câmara Municipal de Marvão, p. 13-23.
- FERNANDES, Lídia Maria Marques (2001) – Capiteis romanos de Ammaia (S. Salvador de Aramenha- Marvão). *O Arqueólogo Português*. Série IV. 19. Lisboa: Associação dos Arquólogos Portugueses, p. 95-158.
- GUERRA, Amílcar (1996) – *Ammaia, Medobriga* e as ruínas de S. Salvador de Aramenha: dos antiquários à historiografia actual. *A Cidade. Revista Cultural de Portalegre*. 11. Portalegre, p.7-32.
- JALHAY, Eugénio (1947) – Epigrafia amaiense. Contribuição para o estudo da Aramenha romana (concelho de Marvão). *Brotéria*. XLV. 6. Lisboa. p. 615-633.
- MANTAS, Vasco Gil (2000) – A sociedade luso-romana do município de *Ammaia*. In *Sociedade y Cultura en Lusitania Romana – IV Mesa Redonda Internacional*. Mérida: Série Estudios Portugueses, p. 391-419.
- MANTAS, Vasco Gil (2002) – Libertos e escravos na cidade luso-romana de *Ammaia*. *Ibn Maruán*. 12. Câmara Municipal de Marvão, p. 49-68.

- MANTAS, Vasco Gil (2003) – Novidades epigráficas de *Ammaia* (S. Salvador de Aramenha, Marvão). In *Au Jardin des Hespérides. Histoire, Société et épigraphie des mondes anciens*. Mélanges offerts à Alain Tranoy. p. 87-105.
- OLIVEIRA, Jorge de; BALESTEROS, Carmen (1989) – *Levantamento Arqueológico da Barragem da Apertadura*. Portalegre: Câmara Municipal de Marvão.
- OLIVEIRA, Jorge de; CUNHA, Susana S. (1993-4) – A cidade romana de *Ammaia* na correspondência entre António Maçãs e Leite de Vasconcelos. *O Arqueólogo Português*. Série IV. vol. XI-XII. Lisboa, p. 103-134.
- OLIVEIRA, Jorge de (1996) – Cidade da *Ammaia* (Marvão). *Ibn Maruán*. 6. Câmara Municipal de Marvão, p. 15-22.
- OLIVEIRA, Jorge de; BAIRINHAS, António; BALESTEROS, Carmen (1996) – Inventário dos vestígios arqueológicos do Parque Natural da Serra de S. Mamede. *Ibn Maruán*. 6. Câmara Municipal de Marvão, p. 43- 61.
- OLIVEIRA, Jorge de (1999) – Cidade romana de *Ammaia*, S. Salvador de Aramenha, Marvão, Portugal. In *II Congresso de Arqueologia Peninsular*. Zamora: Universidade de Alcalá. Tomo IV, p. 129-134.
- OLIVEIRA, Jorge de (2002) – A cidade romana de *Ammaia*, documentos para a sua história recente. *Ibn Maruán*. 12. Câmara Municipal de Marvão, p. 11-48.
- OLIVEIRA, Jorge de [et Al.] (2005) – São Salvador da Aramenha. História e Memórias da Freguesia. Jorge de Oliveira (Coord.). *Ibn Maruán*. 13. Câmara Municipal de Marvão e Junta de Freguesia de S. Salvador da Aramenha.
- PAÇO, Afonso do (1948) – *Epigrafia Amaíense*. Monografia oferecida à Academia de Ciências. Boletim da Academia de Ciências de Lisboa. Março, p. 30-31.
- PAÇO, Afonso do (1953) – Carta arqueológica do concelho de Marvão. *Actas do XIII Congresso Luso-Espanhol Para O Progresso Das Ciências*. Lisboa (1950). 7ª secção, Lisboa. Ciências históricas e filológicas. Associação para o Progresso das Ciências. p. 93-127.
- PAÇO, Afonso do (1953 b) – Populações Pré e Proto-Históricas do concelho de Marvão. In *XVI Congrès International de Géographie*. Lisboa.
- PAÇO, Afonso do; ALMEIDA, (D.) Fernando de (1962) – Duas inscrições romanas inéditas do Museu de Marvão. *Revista de Guimarães*. (Separata). Vol. LXXII. Guimarães.
- PATROCÍNIO, Manuel F. S. do (1995) – A cabeça zoomórfica do Museu Municipal de Marvão. *Ibn Maruán*. 5. Câmara Municipal de Marvão, p. 25-39.

- PEREIRA, Sérgio et alii (2000) – Numismática ammaiese: notas preliminares. *Ibn Maruán*. 9-10. Câmara Municipal de Marvão, p. 55-70.
- PEREIRA, Sérgio (2002) – Dois depósitos monetários encontrados na Porta Sul (Amaia). *Ibn Maruán*. 12. Câmara Municipal de Marvão, p. 99-134.
- PEREIRA, Sérgio (2002 b) – A cabeça antropozoomórfica da Quinta do Leão. *Ibn Maruán*. 12. Câmara Municipal de Marvão, p. 169-184.
- QUINTELA, A.; CARVALHO, A.; CARDOSO, J.L.; MASCARENHAS, J.M. (1995) - Barragens Romanas do Distrito de Castelo Branco e Barragem de Alferreredes; *Conimbriga*. XXXIV. Coimbra.
- QUINTELA, A.; CARDOSO, J.L.; MASCARENHAS, J.M. (1986) - *Aproveitamentos hidráulicos romanos a sul do Tejo*. Lisboa: DGRAH.
- REI, António (2002) – Târiq ibn Ziyâd e o seu exército em Almeida e na Cidade de Amaia (Marvão) em finais de 711 – inícios 712. *Ibn Maruán*. 12. Câmara Municipal de Marvão, p.159-167.
- REI, António (1998) – O nordeste alentejano nos geógrafos árabes. *Ibn Maruán*. 8. Câmara Municipal de Marvão, p. 247-250.
- RESENDE, André de (1593-1790) – *De Antiquitatibus Lusitaniae, Caeteraque Historica, quae Extant*. Coimbra. 2ª edição (1790), p. 68- 69.
- SAA, Mário de (1967) – *As Grandes Vias da Lusitânia - O itinerário de Antonino Pio*. Lisboa. Vol. IV.
- SIDARUS, Adel (1991) - Amaia de Ibn Maruán: Marvão. *Ibn Maruán*. 1. Câmara Municipal de Marvão, p. 13-26.
- SOTTO MAIOR, Diogo Pereira de (1616/1984) – *Tratado da Cidade de Portalegre, Introdução Leitura e Notas de Leonel Cardoso Martins*. Maia: INCM – Câmara Municipal de Portalegre. reedição da edição de 1619).
- VASCONCELOS, José Leite de (1935) – Localização da cidade de Amaia. *Ethnos*. 1. Lisboa, p. 5-9.
- VIU, D. José de (1852) – *Extremadura: Coleccion de sus Inscripciones y Monumentos*. Madrid. Tomo I, p. 242-235.